



## ESPAÇOS DESVELADOS:

### A dinamicidade dos festejos do Rosário em Catalão-GO

■ CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB\*

#### RESUMO

O ARTIGO TEM COMO PREOCUPAÇÃO CENTRAL COMPREENDER AS MÚLTIPLAS TRAMAS TECIDAS NO BOJO DA REALIZAÇÃO DA FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM CATALÃO, GOIÁS. O OBJETIVO É O DE COMPREENDER COMO A FESTA CONFERE NOVOS SENTIDOS AO ESPAÇO E AOS VALORES CULTURAIS A PARTIR DA IMPOSIÇÃO DE REGRAS E FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO QUE SÃO DISTINTAS DO COTIDIANO.

**PALAVRAS-CHAVE:** FESTA, TRADIÇÃO, DEVOÇÃO, LUGAR, ESPAÇO.

O presente artigo apresenta como preocupação central construir um viés de entendimento das tramas tecidas no bojo da realização da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário da cidade de Catalão-GO, procurando olhá-la de diferentes maneiras, percebendo como os indivíduos incorporam tais festejos, fazendo destes parte integrante de suas vidas.

As reflexões que direcionam esse diálogo fazem parte das discussões tecidas durante as pesquisas realizadas para o término do mestrado em história<sup>1</sup> e que também norteiam as pesquisas de doutoramento, em conclusão, onde procuro desvelar meu olhar pessoal com o de pesquisador sobre o objeto pesquisado assim como dialogar com a dinamicidade de espaços que se efetivam a partir das inter-relações construídas entre sagrado e não sagrado.

Procuro perceber a festa dentro de sua dinamicidade, para entendê-la enquanto momento de ruptura com o cotidiano, que se transforma (re) atribuindo um sentido especial ao dia-a-dia, diferenciado daqueles dias comuns. Ao mesmo tempo, busco compreender melhor como ocorre esse processo de re-significação de espaços e de valores culturais e sociais contidos nas comemorações festivas. Assim, parto da premissa de que tal situação serve de suporte à imposição de regras, valores e ações, cujas táticas criam condições para o exercício da projeção social e política. Vejamos então como a festa se articula, dando sentido à vida de quem dela participa e a tem como marca de existência e de fé.

As comemorações que envolvem a festa do Rosário de Catalão-GO, localizada na região sudeste do estado de Goiás, divisa com o Triângulo Mineiro, são marcadas por diferentes práticas festivo-devocionais. Práticas estas que unem e separam os sujeitos em uma espacialidade festiva e perpassam uma multiplicidade de momentos simbólicos e ritualísticos que, aparentemente, não são perceptíveis da mesma forma por todos os sujeitos sociais, já que teias são trançadas, relações estabelecidas, jogos de interesses criados. Todavia, na maioria das vezes, acabam despercebidas aos olhares comuns, pois cada um vislumbra a festa e os vários espaços que a compõem à sua maneira, o que acaba fragmentando os olhares e a forma de experimentá-la (Katrib, 2004)<sup>1</sup>.

Percebemos em nosso estudo que a festa é uma comemoração secular que movimenta toda a espacialidade da cidade, aglutinando fé e festa num mesmo acontecimento. Temos, assim, vários elementos que compõem esse jogo elaborado de táticas e representações<sup>3</sup> contidas no seu cenário-ritual. Essas festividades tiveram seu início nas fazendas da região, por volta dos anos de 1880, e, à medida que foi aumentando, no município, o número de negros e fazendeiros oriundos de Minas Gerais, a devoção à Santa do Rosário se intensificou e passou a ser difundida como uma das principais comemorações religiosas católicas realizadas no contexto rural de Catalão.

Segundo a tradição oral é a partir dos anos de 1900 que a festa passa a ser incentivada na cidade e

sua realização passa a ser controlada mais de perto pela igreja católica local e comandada por uma Irmandade, a de Nossa Senhora do Rosário. Essa irmandade, ao contrário de muitas outras, tinha na sua composição negros e brancos tidos como incentivadores da devoção no município. Contudo a festa se efetiva como tradição da cidade em 1936, quando é erguida uma igreja definitiva, construída em regime de mutirão pelos devotos, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário num dos bairros da cidade, o que hoje localiza-se numa região central onde a festa se realiza, todos os anos, no início do mês de outubro.

Assim, a dinamicidade da festa do Rosário em Catalão-GO tem nos seus espaços sagrados oficiais rituais diversos, ao mesmo tempo complementares à festa, cujas responsabilidades são bem demarcadas. As comemorações religiosas que ocorrem no Largo do Rosário e no seu entorno - lugar de referência do sagrado-, ora são comandados pela igreja católica, ora pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

À igreja cabe a realização de missas, terços e procissões. À Irmandade cabe organizar o desfile do congado que envolve vinte e um grupos de dançadores, perfazendo de cerca de quatro mil dançadores; cuidar do levantamento do Mastro e da entrega da Coroa. Alguns eventos têm a participação comum como é o caso da alvorada e das procissões, quando o pároco ou representante legal da igreja participa da abertura e encerramento da festa excitando os fiéis à fé e à devoção. É claro que, nesses momentos, não poderiam perder a oportunidade de se fazerem presentes também os políticos e as autoridades representantes da sociedade civil.

Sendo assim, esses rituais não podem ser compreendidos apenas como complementares. Antes de tudo, expressam a contradição e os conflitos inerentes à postura que a igreja católica, na maioria das vezes, assume frente à religiosidade popular. Para o clero, é na igreja e nos rituais por ela coordenados que se venera a Virgem Santíssima, as outras atividades são folclóricas e apenas compõem o cenário festivo. Se levarmos em consideração o conceito de "ponto fixo" de Eliade (1999, p. 27)<sup>4</sup>, independentemente da postura dos padres católicos, a igreja funciona como marco oficial da festa tanto para as comemorações internas quanto para as

que se efetivam fora desse espaço sob a batuta da irmandade.

Se os muitos cortejos são considerados pela igreja católica como momentos de expressão de fé e devoção à Virgem Santíssima, comandadas pela presença oficial de um padre, em especial, o levantamento do Mastro, expressando a junção do sagrado e do profano numa mesma celebração, não passa despercebido aos olhos dessa instituição a impossibilidade de manter o controle desse ritual e mesmo da população que participa da festa e não consegue discernir onde começam e onde terminam esses espaços.

Dessa forma, a igreja, dentro dos limites oficiais da Festa, marca sua presença na figura do pároco, seu representante oficial nas missas oficiais e procissões que antecedem as missas campais realizadas no interior da igreja ou fora dela, dependendo da quantidade de pessoas esperadas para as celebrações do dia. É durante essas celebrações que a Igreja procura escamotear a evidência dos rituais da religiosidade negra, especialmente a participação de alguns ternos durante as celebrações diversas e, em especial, aquelas consideradas dentro da liturgia católica.

A presença do pároco é visível na alvorada - momento que marca o início da festa oficial, e nas missas campais, pois são nesses momentos que ele, oficialmente, exerce a função religiosa de pregação e celebração eucarística. Esporadicamente, é possível notar a presença dos religiosos em alguns ensaios, nos almoços do congado ou nos momentos de trabalho da comissão que se reúne para preparar lanches a serem servidos aos dançadores de Congo.

Na visão da igreja a presença de um pároco, padre ou representante oficial da igreja católica, torna estes momentos diferenciados dos demais, quando algumas atenções são tomadas justamente pela presença oficial do religioso. Esta figura impõe respeito e, muitas vezes, interfere no cotidiano da irmandade, moralizando a alegria contagiante que antecede a festa.

Dessa forma, a dinâmica que (des)alinha o sagrado ao não sagrado, conforme destaca Machado (2002)<sup>5</sup>, possibilita-nos conceber a festa não dentro de um padrão uniforme, mas com base na diversidade de ações e situações confrontantes num espaço coletivo. Segundo Rosendahl (2003)<sup>6</sup>, é justamente nesses espaços

que se estabelecem as diferentes visões de mundo, de aceitação e de compreensão dos elementos que permeiam a festa em análise: fé, religiosidade, devoção, diversão e interesses individuais, pois, para a estudiosa, os lugares onde fé e festa se mesclam são espaços reivindicados pelos próprios sujeitos que os têm como presentificação do ser e do estar no mundo.

Dessa perspectiva, analisando a natureza simbólica das festas, Castro(2000)<sup>7</sup> acredita que as festas mantêm com o cotidiano uma relação de licença poética, sem dele se esquecerem, até porque supõem laboriosos preparativos e meticulosa organização, e dele se afastando temporariamente, introduzindo-nos num tempo especial por meio de elaborada linguagem artística e simbólica. Um tempo cíclico fortemente ligado à experiência vital, cheio de conteúdos cognitivos e afetivos, que entrecruza o calendário histórico e traz de volta, a cada ano, as diferentes festas do calendário popular.

Vejamos, então, como a espacialidade festivo-devocional se articula para dar sentido à festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão-GO. A dinâmica festiva se efetiva na consolidação dos seguintes momentos ou espaços festivo-devocionais<sup>8</sup>:

#### A ALVORADA

É um ritual festivo e religioso que marca o início das comemorações oficiais em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Acontece sempre numa sexta-feira, geralmente, dez dias antes do dia 12 de outubro, data oficializada tradicionalmente na cidade para efetivar as comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário, incorporando também as comemorações a Padroeira do Brasil - Nossa Senhora Aparecida.

Na madrugada da alvorada, as pessoas se reúnem em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário para, às três horas da manhã, ouvir os badalos do sino da igreja anunciar que é chegada a hora de dar início às comemorações oficiais. O badalo do sino se mistura às músicas vindas dos bares que se mantêm abertos na madrugada, pois muitas pessoas passam a noite no Largo do Rosário, esperando a alvorada e assistindo à movimentação do local. A alvorada é, neste dia, o principal acontecimento religioso e festivo, unindo o sagrado ao profano.

#### O TERÇO, AS MISSAS E AS PROCISSÕES

Do primeiro ao último dia da festa oficial, acontece, diariamente, a parte festiva da festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO, marcada por novena, por rezas, orações, procissões e missas. Acrescentam-se a esse momento festivo as visitas às barracas de comércio, instaladas nas ruas ao redor do Largo onde a festa se realiza. A novena, como o próprio nome diz, segue os nove dias de festa, podendo ser caracterizada como o conjunto de celebrações realizadas no interior da igreja ou no espaço externo, com ou sem a presença de um líder eclesialístico.

São realizadas, também, no interior da igreja, durante todo o dia, orações, cânticos, louvores, depoimentos de fé e devoção à Virgem do Rosário, comandadas pelos membros das duas paróquias da cidade que se revezam na reza do terço. Acontece também a celebração da missa de Coroação da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelos fiéis.

#### O LEVANTAMENTO DO MASTRO

No último sábado festivo, acontece o Levantamento do Mastro. É um acontecimento tradicional que tem início com um cortejo que percorre algumas ruas da cidade até chegar à porta da igreja do Rosário para ser erguido ao som de vivas e fogos de artifícios. Durante esse cortejo, todo o congado se reúne para conduzir a bandeira com a imagem da santa de devoção que será introduzida no mastro e, em seguida, erguida, demarcando aquele espaço como sendo oficialmente de devoção a Nossa Senhora do Rosário. Os fiéis que acompanham o cortejo recebem lamparinas feitas de cartolina e papéis coloridos, nas quais são introduzidas velas que uma vez acesas, dão um colorido especial ao momento.

Durante o trajeto, as pessoas mais devotas montam, na porta de suas casas, altares com a imagem da Santa e à medida que os fiéis passam, param para fazer sinal da cruz, ajoelhar-se e até rezar à Santa de sua devoção. Nesse cortejo, é dispensada a presença de uma autoridade católica, pois a mesma espera a chegada da bandeira no Largo, quando após ser

introduzida ao mastro, erguido pelos dançadores, é celebrada uma missa campal.

#### Os "PAGAMENTOS" DAS PROMESSAS

A maioria dos devotos prefere participar das celebrações dos últimos três dias de Festa que apresentam como ápice: (1) as missas campais do levantamento do mastro; (2) a missa das congadas, realizada domingo pela manhã; e (3) a missa campal, domingo à noite, momento em que grande quantidade de devotos e pagadores de promessa se reúnem na praça para acompanhar o andor com a imagem da Santa, pelas ruas do centro da cidade, cujo trajeto sai da Igreja do Rosário, retornando a ela em forma de um círculo que representa o formato de um rosário.

Para muitos fiéis a fé e a devoção podem ser expressas na porta de suas casas, de seus comércios, onde altares improvisados são armados esperando que o cortejo passe, ou então carregando o andor da Santa pelas ruas da cidade ou simplesmente acompanhando a procissão, mesmo que não consiga chegar ao Largo onde se realiza a missa campal, devido ao grande contingente de pessoas que ali se aglomeram.

As expressões de fé e de religiosidade contidas na dinâmica de efervescência do sagrado da festa compreendem os rituais de adoração à Virgem do Rosário e outras solenidades litúrgicas que servem aos fiéis como momento de expressão das graças recebidas. E mesmo que a igreja não demonstre aceitá-las, acaba não intervindo e essas manifestações são incorporadas ao contexto das missas e procissões. Sem contar também que as formas de 'pagamento de promessas' não se restringem aos espaços oficialmente tidos como sagrados.

#### AS CEIAS

As ceias são acontecimentos sociais de responsabilidade da Comissão de Festa, clubes de serviços e outras entidades, alternados durante os dias de comemoração a Nossa Senhora, conforme programação prévia divulgada nos cartazes da festa. Os clubes de serviços se revezam na realização e na venda de ingressos para os jantares oferecidos, intercalados às celebrações festivas e religiosas das comemorações em louvor à Nossa Senhora do Rosário.

Este é o momento da comilança e da fartura. A população adquire por meio de ingressos o direito de saborear os cardápios mais variados, que são oferecidos durante a festa. Estar nesse ambiente, que não aglutina todas as pessoas que freqüentam a festa, uma vez que as ceias acontecem em local fechado, já permite um destaque social.

#### RANCHÃO DE FESTA

Enquanto as ceias são realizadas no Salão de alvenaria, no "Ranchão" da festa, armado na rua, próximo à igreja, músicas ao vivo são executadas por cantores locais ou por conjuntos contratados pelos festeiros que animam as noites com um repertório variado. Leilões de pratos típicos propiciam o divertimento das pessoas que ali se encontram, resgatando, de certa forma, as tradições rurais das festas da região.

Geralmente o Rancho de Festa é de responsabilidade dos festeiros e da comissão organizadora, que se revezam todas as noites nas atividades que ali acontecem, sempre ao som de músicas sertanejas, alegrando os presentes que comem e bebem, podendo observar tudo que acontece a seu redor. Este rancho, armado na rua, é cercado de alambrado, o que possibilita tanto quem está de dentro, como quem está de fora, participar dos acontecimentos desses espaços. Contudo, a sua existência funciona como marco de resistência das práticas rurais numa festa, hoje, tipicamente urbana.

#### AS BARRACAS DE COMÉRCIO

É o espaço mais freqüentado pela população. As visitas às barracas de comércio, armadas nas ruas adjacentes ao Largo do Rosário - onde são comercializados uma série de produtos como comidas, doces, frutas, roupas, utensílios domésticos, jogos de azar, entre outros tipos de entretenimento - é um atrativo importante da festa e o que mais concentra pessoas, que transitam de um lado a outro observando mercadorias, comprando, flertando e se divertindo no (re)encontro com amigos e conhecidos.

As barracas são armadas nas ruas, em espaços conseguidos por meio da locação dos terrenos, via prefeitura municipal, que faz um loteamento das ruas

adjacentes à Igreja do Rosário, a preços diferenciados, de acordo com a localização. Os moradores das ruas, onde a festa acontece, também alugam suas portas ou montam comércios temporários, visando à obtenção de um dinheiro extra com a festa.

Nas madrugadas, o espaço ao redor da igreja do Rosário deixa de ser o ponto de convergência dos momentos devocionais e comerciais e se transforma no espaço de encontro e venda do corpo. As prostitutas se misturam à multidão comercializando, através de olhares e acenos, a venda de seu trabalho que, muitas vezes, passa despercebido aos olhares de muitos.

Cada rua do bairro, durante os dias de festa, acaba se tornando, um grande “shopping” a céu aberto, como uma rede de lojas de departamento - espaços por onde as pessoas da cidade transitam à procura de menores preços e de novidades. Durante a festa, as ruas do bairro deixam de ser conhecidas pelos seus nomes oficiais e recebem nomes semelhantes a dos produtos ali comercializados todos os anos. Como exemplo: rua dos paneleiros, das roupas, dos plásticos, das frutas, dos jogos, entre muitos outros.

Frente a esse mosaico festivo, Durkheim (2000)<sup>9</sup>, nos incita a olhar a festa para além das divisões em dias, semanas, meses, anos, pois ela expressa um momento coletivo cujo ritmo rompe o cotidiano e, por isso, propicia a vivência de um sentindo diferenciado do tempo cronológico. Dessa forma, a produção e a organização de uma festa, segundo Castro(2000), é uma tarefa complexa e difícil, pois são vários os personagens e os papéis atribuídos a cada um dos sujeitos que juntos formam e dão sentido à realização dos momentos festivos. A nosso ver, a festa também redefine valores e funções aos espaços, além de estabelecer vínculos de sacralidade, consolidar lugares sagrados, reforçar símbolos de fé, possibilitando, ainda que a sociabilidade popular produza a sua própria forma organizacional.

Frente a essa simbiose de inter-relações, Eliade (1999,p.06)<sup>10</sup> aponta que o sagrado manifesta-se quase sempre como uma realidade inteiramente diferente da realidade dita como “natural”, e o profano se integra a essa realidade, possibilitando a sua afirmação nessa junção de interesses e inter-relações.

Por essa lógica, como bem afirma Padem (2001)<sup>11</sup>, o sagrado torna-se um instrumento para o entendimento

de mundos diferentes dos nossos, daí a possibilidade de entrever o mundo profanizado, já que estes mantêm uma relação de reciprocidade com os sujeitos sociais.

Para Durkheim (2000), as práticas rituais que envolvem sagrado e profano não são movimentos inúteis e gestos sem eficácia. Essas práticas evidentemente estreitam laços que unem o indivíduo à sociedade, reforçando a pujança de suas manobras materiais ou operações. Nesse sentido, a religião acaba administrando, de certa forma, os rituais, dando aos mesmos um sentido e uma razão que permitem aos indivíduos construir uma visão da sociedade da qual são membros e das relações obscuras, mais íntimas, que mantêm com ela.

Sendo assim, os homens acabam definindo religião não pelo seu ponto de vista meramente mítico e sim pela forma como se movimentam, criando formas e sentidos para a sacralidade das coisas e, porque não, um norte e suporte para as relações sociais estabelecidas.

Entretanto, o próprio Eliade adverte que a concepção, ou a conotação religiosa atribuída aos objetos materiais só terá um caráter sagrado se os homens os fizerem sagrados e estabelecerem com eles uma relação de sacralidade. Isso nos leva a perceber os motivos que fizeram com que a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário se firmasse enquanto manifestação da cultura popular local nos limites do urbano.

É justamente nessa área central da cidade que ocorre a Festa do Rosário. Esse bairro recebe o nome de bairro Nossa Senhora do Rosário e está situado entre os bairros São Francisco e Nossa Senhora de Fátima, inserido-se, pois, no centro da cidade como parte complementar, cujo ponto demarcatório inicial são justamente as ruas que circundam a Igreja do Rosário.

Como o “ponto fixo” - representação do espaço sagrado - é na igreja do Rosário, em que se realiza grande parte dos acontecimentos religiosos. Em épocas de festa, em seu entorno, se agrega o espaço profano - área de lazer e comércio - que, juntos, formam um conjunto que dá sentido à dinâmica do festar e do rezar. Para os moradores do bairro ou áreas adjacentes o cotidiano do bairro é quebrado sempre às vésperas dos festejos em louvor à Nossa Senhora do Rosário, o que é

extensivo a outras áreas urbanas, porém de forma mais moderada.

Em dias comuns, circulando pelas ruas desse bairro, podemos notar uma movimentação normal de pessoas e veículos, rompida pelos sons das buzinas do trem - que passa todos os dias pontualmente no mesmo horário - e dos carros e veículos de carga que utilizam algumas avenidas do bairro como meio de locomoção para as rodovias. É possível presenciar pessoas realizando suas compras nas lojas da região, enquanto outros se acomodam nos bares e lanchonetes, para observar o vai e vem de pessoas e ver o passar do tempo. Essas situações se mesclam à rotina da dona de casa que todos os dias pela manhã, acordada pelo som estridente da buzina do trem, vai à padaria, prepara o café, despacha os familiares para a escola e/ou trabalho e, em seguida, se dirige à porta de sua casa, varrendo e cuidando de sua limpeza, para depois ir à feira livre realizar as compras da semana. Ali reencontra os conhecidos, coloca a conversa em dia, voltando das compras com novidades para preparar o almoço e esperar a família.

No decorrer do dia, é possível notar a presença das senhoras sentadas no alpendre fazendo seus bordados, ao mesmo tempo em que observam a movimentação, o ir e vir das pessoas, dos carros, as novidades do comércio anunciadas pelos carros de propagandas. Ou então assistem aos programas da televisão e/ou ouvem os noticiários das rádios locais, enquanto preparam biscoitos para o lanche da tarde, esperando o dia findar para cuidar do jantar da família.

Nos finais de semana, notamos que as ruas desse bairro parecem desertas, como em todos os outros da cidade. É possível ouvir o canto dos pássaros nas mangueiras dos quintais; o vento passar pela praça vazia; a circulação discreta dos carros e dos fiéis se dirigindo à pequena igreja do Rosário para fazer suas orações. E nem mesmo o repicar do sino da igreja é ouvido, pois ele já foi absorvido pelos fiéis que, pontualmente, se dirigem àquele espaço para fazer suas orações.

Muitas vezes, a rotina da Igreja e das celebrações semanais só é rompida mediante os casamentos celebrados naquele templo. Contudo, estes não são muitos devido à falta de espaço para abrigar um

contingente maior de pessoas no seu interior. Mesmo assim, os devotos de Nossa Senhora do Rosário preferem usufruir daquele espaço tanto nos momentos de alegrias celebrados pelos batizados e casamentos como nos momentos de tristeza, em virtude dos velórios. Mas o interessante é que nem mesmo a pequena praça exerce fascínio nas crianças em dias comuns, pois são poucos os que ali vão ao final da tarde pedalar a sua bicicleta, soltar pipa ou brincar com os amigos de pique-esconde.

Essa rotina de cidade pacata e interiorana é rompida quando o mês de agosto se inicia e nas tardes de sábado ou domingo o canto dos pássaros é abafado pelo batuque das caixas dos ternos de congo, cujos dançadores se reúnem no quintal ou à porta da casa do capitão para os tradicionais ensaios. Por toda a cidade é possível ouvir esses sons que acabam sendo absorvidos pelos moradores da cidade como marco do início das festividades em louvor à Nossa Senhora do Rosário.

A festa propicia, mesmo tendo um local demarcado para oficialmente ser realizada, festejos paralelos por toda a cidade, principalmente na primeira tarde de domingo do mês de Agosto, data em que a maioria dos ternos inicia os preparativos para a festa a ser realizada no mês de outubro. Reunidos em torno da Virgem do Rosário, oram em prol de uma boa apresentação durante os dias da festa oficial e para que consigam equipar o terno com os instrumentos e vestimentas necessários. Esse momento de súplica e de fé é conduzido depois dos momentos de festa que cada terno realiza nos almoços e churrascos coletivos nas cozinhas e nos quintais das residências humildes dos capitães. Ali, a fartura e a descontração marcam a quebra da rotina da semana que foi de muito trabalho e obrigações. Os devotos em geral se divertem e compartilham deste momento mais particular de cada terno.

É possível presenciar um rearranjo das funções das moradias de muitos devotos e congadeiros. Exemplo disso é o que ocorre na residência da família Arruda, família tradicional no congado local. No quintal que envolve as residências de muitos membros da família, por exemplo, encontramos esse espaço reorganizado para dar vazão à religiosidade e ao grau de pertencimento identitário do grupo, pois altares são improvisados e sobre eles colocados a imagem de Nossa

Senhora do Rosário, o bastão do capitão do congado, bastão este enfeitado com fitas coloridas, ali exposto para ser abençoado. O bastão tem um significado sincrético importante, pois é um elemento que simboliza o poder do capitão em guiar o seu batalhão durante os ensaios e a festa.

É com este bastão que ele conduz o terno durante os dias da festa oficial. É com os gestos feitos com o bastão que o capitão entoa as músicas, estabelece o ritmo da batida das caixas, fala com os dançadores e venera Nossa Senhora, abrindo caminhos e pedindo a sua proteção contra os males que, por ventura, vierem afligir o terno por ele comandado.

Todas as orações são feitas dentro dos moldes católicos e, inclusive as músicas cantadas naquele ritual são músicas desta liturgia. Num determinado momento da reza do terço, símbolo que representa a fé dos devotos a Nossa Senhora do Rosário, que nos dias de festa se encontra afixado nas fardas de grande parte dos dançadores como proteção pessoal, todas as mãos são direcionadas para o altar onde se encontra o bastão do capitão. Só depois desse ritual se inicia o ensaio propriamente dito. Após o término da reza, o capitão se dirige ao altar, juntamente com seus familiares, se ajoelha, faz suas orações pessoais para, posteriormente, lançar mão do bastão abençoado dando o sinal esperado pelos dançadores que, ao som do apito e do movimento com o bastão, começam a afinar seus instrumentos, iniciando-se o ensaio do domingo.

A fé dessas famílias se materializa em objetos não tão visíveis à população em geral. Estão nos abrigos de seus lares em forma de imagens, terços, velas, fitas, bastões e bandeiras, venerados em altares, construídos artesanalmente por ocasião dos ensaios dos ternos. Em muitos casos, eles são presenças constantes durante todo o ano, apenas rearranjados na época dos ensaios.

Assim, entre os meses de agosto e setembro, os ternos ensaiam nos finais de semana pelos diferentes bairros, enquanto que a região ao redor da igreja do Rosário, na qual a festa oficial acontece, começa a ser preparada para receber uma população temporária de aproximadamente 70.000 habitantes..

Chegada a segunda metade do mês de setembro, a movimentação aumenta nas ruas do bairro. Meios-fios recebem uma nova pintura, placas de "aluga-se"

se espalham pelas casas do bairro, oferecendo o aluguel de garagens, quintais e outros espaços; um grande rancho rústico - feito de estrutura de madeira e coberto com folhas de babaçu ou lona - é erguido em frente à igreja do Rosário como marco da parte profana da festa.

Os reflexos da festa começam a ganhar forma não apenas pelos sons emanados das caixas e das músicas entoadas pelos dançadores nos finais de semana, mas também em função das pessoas, que começam a fazer suas economias para gastar no grande comércio da festa, uma vez que podemos observar uma queda expressiva nas vendas do comércio local evidenciadas pelo grande número de promoções para atrair os clientes. Mesmo assim, muitas liquidações e promoções não surtem os efeitos esperados, porque aquilo que a população espera é a chegada dos tradicionais barraqueiros - comerciantes ambulantes que saem de festa em festa vendendo seus produtos, fato que para muitos moradores da cidade reflete a chegada das "novidades" dos grandes centros urbanos, disponibilizados a preços acessíveis para todos.

É verdade que os moradores enfrentam muitos problemas pelo fato de ser a festa realizada num bairro central, ficando ilhados no meio da grande quantidade de barracas de lonas, em torno de 6.000, ultrapassando o balanço oficial que registra a presença de cerca de 3.000 barraqueiros. Porém, muitos acabam se divertindo com a situação e sentam todas as tardes nos alpendres de suas residências para ver a movimentação das pessoas pelos labirintos formados nas ruas. Muitos não assumem publicamente que são a favor ou contra a realização da festa naquele local, pois alugam espaços para a instalação de barracas e até mesmo instalam seus comércios naquele espaço, dificultando a entrada e a saída de veículos das garagens, bem como o trânsito pelas ruas, a coleta de lixo e outros serviços no bairro, atrapalhando também a vida de seus vizinhos.

O barulho é também bastante intenso, evidenciando uma mistura de sons advindos do alto-falante da igreja, dos sons ritmados pelas mais diferentes variações musicais, vindas dos bares e lanchonetes, que se juntam ao som dos alto-falantes dos barraqueiros anunciando as promoções. Tudo isso é absorvido durante dia e noite pelos moradores da região por mais de 15 dias, o que leva alguns a pedirem, em vão, a retirada da festa daquele local.

Não podemos deixar de considerar que os espaços sagrados e profanos não existem apenas na área onde a festa se realiza oficialmente e nem são marcados unicamente pelo espaço da igreja. Para o devoto evocar Nossa Senhora do Rosário nos dias de festa ou fora dele não existe local específico. Esse encontro entre fiel e Santa pode se dar no ensaio dos ternos de congos quando juntos rezam o terço na rua, no quintal ou no interior da casa do capitão ou então, quando os devotos fazem suas promessas a serem pagas acompanhando um terno de congo, dançando ou oferecendo um almoço ou lanche aos dançadores. Muitas vezes durante a passagem de um terno pela porta de sua casa, pede-se permissão ao capitão para que a bandeira do terno com a imagem da Santa seja levada a todos os cômodos para serem abençoados.

Quando vemos um batalhão de dançadores andando pelas ruas da cidade debaixo de sol ou de chuva, com as mãos calejadas ou sangrando em virtude da força com que tocam seus instrumentos, ou crianças pequenas carregadas nos braços pelas mães, vestidas a caráter, percorrendo quilômetros e quilômetros em cortejo pelas ruas da cidade, notamos que todas aquelas atitudes expressam a fé particular de cada um; o acreditar que por meio destes atos estas pessoas possam agradecer as bênçãos recebidas ou buscar a concretização das mesmas. O fato é que há diversas maneiras de estar em contato com o sobrenatural e a fé não esbarra apenas nos lugares ditos, oficialmente sagrados. Entre essas formas, temos o cortejo como sendo a principal.

Estes cortejos são movidos pelo som das caixas dos dançadores de congo e pelas vozes descompassadas dos fiéis que, com suas lanterninhas confeccionadas de papéis coloridos, iluminam o caminho para os ternos de congo conduzirem a imagem da Santa à igreja do Rosário, levada pelas mãos dos festeiros e guiada pela multidão de fiéis que entoam cânticos católicos, abafados pela musicalidade sonora do congado que louva, rodopia, cultua seus orixás e reverencia Nossa Senhora do Rosário, ritualizando o culto aos orixás e às divindades ancestrais. Nesse compartilhar, uma outra multidão espera a chegada da Santa, na porta da igreja, pois acreditam que, ali, pela presença do vigário, seja o

lugar de maior expressão de religiosidade e da fé católica.

Assim, como bem destaca Rosendahl (2003), a existência desses espaços congrega duas dimensões: a do sagrado e a do profano, numa totalidade em que se torna impossível dissociá-los, mas sim diferenciar as suas funções, que são complementares e não excludentes, pois, ao nosso ver, estes espaços se fundem durante a festa em um conjunto complexo de barracas espalhadas pelas ruas do bairro, formando verdadeiros interstícios que levam ao lazer, ao divertimento, à prostituição, ao comércio, à comilança, à fé e à festa como um todo.

Dentro dessa perspectiva, o espaço da festa e a dinâmica do sagrado/profano podem ser estabelecidos separadamente dentro dos momentos da festa oficial, porém não passa despercebida a inter-relação existente entre eles, mesmo que nos cartazes espalhados pelo município, anunciando a festa, ainda exista a divisão entre a parte religiosa e parte festiva.

Assim, se o lugar sagrado é o local do contato direto com o divino, ele também é o espaço onde os sujeitos têm oportunidades de estruturarem a sua identidade, costurando suas vivências e experiências à linha do tempo. Tempo este fluido e demarcado por significados diversos que envolvem a fé e o festar, o congraçamento e a comilança, o prazer e a penitência, a alegria e as emoções de mais uma vez poder viver a festa nos seus múltiplos sentidos e significados, imprimindo assim, marcas visíveis a sua identidade a seu grau de pertencimento no grupo.

\*DOUTORANDO EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA SOB A ORIENTAÇÃO DA PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> CLÉRIA BOTELHO DA COSTA; MESTRE EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-MG – UFU.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Cf. KATRIB, Cairo Mohamad I. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário - Catalão-GO (1936-2003)*. Uberlândia: Departamento de História. (dissertação de mestrado), 2004.

<sup>2</sup> KATRIB, C.M.I. *Batuques entrecruzados: A (re) inauguração da vida através da Festa em louvor à Senhora do Rosário de Catalão-GO*. In: OPSIS – Revista do Núcleo Interdisciplinar de pesquisa e estudos Culturais. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão-GO, vol 4, 2004. p. 35-50.

<sup>3</sup> Segundo Certeau, essas táticas são consolidadas a partir das relações sociais efetivadas no cotidiano sem existir uma fronteira entre o fazer e o sentir momentâneo. Ela é construída paulatinamente a partir das ações dos sujeitos no espaço. Daí a sua utilização com fins próprios pelos sujeitos que usam da percepção e da ação na construção desse cálculo de forças. Cf. CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer*. 6 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

<sup>4</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 27.

<sup>5</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: PATRIOTA, Rosângela e RAMOS, Alcides Freire (orgs). *História e Cultura: Espaços Plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002.

<sup>6</sup> ROSENDAHL, Zeny. *Espaço, cultura e religião: dimensões de análise*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Introdução a Geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003. p. 187-224.

<sup>7</sup> CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *Cultura popular: um olhar sobre a cultura brasileira*. Brasília: MEC, 2000.

<sup>8</sup> Idem 1.

<sup>9</sup> DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa - O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>10</sup> Idem 4.

<sup>11</sup> PADEM, W. E. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 132.

#### **ABSTRACT**

THE PRIMARY AIM OF THIS ARTICLE IS TO UNDERSTAND OF THE RELIGIOUS FESTIVITY OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. THE SECONDARY AIM IS TO UNDERSTAND HOW THIS KIND OF FESTIVITY GIVES DIFFERENTS MEANINGS TO THE CULTURE VALUES AND SPACE, BY MEANS OF NEW RULES AND NEW WAYS OF SPACE'S APROPRIATION.

**KEYWORDS:** FESTIVITY, TRADITION, DEVOTION, PLACE, SPACE.